



ESTOU CHEGANDO DOURADOS

Poucos dias me separam de Dourados, do Brasil. Nunca imaginei que iria parar naquelas terras, muito menos numa família que já tivera o prazer em conhecer (explico mais adiante). Poucas horas faltam que podem ser contadas nos dedos e tantas coisas para serem separadas, tantas coisas que gostaria de levar mas que talvez seja melhor não levar. Tantas coisas que ficará para trás e que não cabem nas malas.

Embarco em Mozhga e rumo para Izhevsky acompanhando os poucos quilômetros até Izhevsky e apenas tomamos um gole de água e continuamos nossa viagem pelas maravilhas da estrada que nos leva até a grande capital russa. Moscou a imensa cidade de praticamente doze milhões de habitantes abre seus braços para nos receber. Eu e meus pais então penetramos em seu seio e corremos para Sheremetyevo para pegar o voo AF1745 da AirFrance que decola as 18:45 horas, um dos aeroportos internacionais que há por lá e onde embarcarei saindo das fronteiras russas e seguindo para um novo continente jamais imaginado; lendas em minha mente.

Um abraço demorado em minha mãe que me diz “se cuida filha” e um abraço apertado em meu pai que me olha com aqueles olhos protetores, mas nada dizendo, sela nossa separação temporária e lágrimas nos dizem que chegou o momento de passar pelo portão do embarque. Mas dá tempo para lembrar que meus amigos diziam; “não vai pro Brasil não”, “lá é muito perigoso”, “vai para outro país da Europa”, “porque o Brasil?”, “Ksenia pense melhor”, “lá só tem crocodilo, macacos e outros bichos”, “não faça isso”. E neste momento uma dúvida bate em mim, será que estou fazendo a coisa certa? Mas agora já está tudo decidido e vamos ver o que acontecerá afinal a moeda não mentiria tanto.

Vou esclarecer aqui essa coisa da moeda:

Quando comecei com essa história de intercambio para meus pais, eu tinha três opções para ir; França, Bélgica, Costa Rica. Meus pais não deixaram eu ir para a Costa Rica e o Brasil era o mais caro da América Latina e eu gostaria muito de conhecer um país da América Latina pois os países da Europa são todos iguais a nós e todos frios. Para mim seria muito melhor na América Latina, mas meus pais muito preocupados não queriam nem ouvir falar do Brasil até que encontrei um voluntário do AFS que falou sobre os pontos positivos do Brasil em comparação à Europa. Então, depois de muita conversa, joguei a moeda dez vezes e se desse cara nove ou dez vezes eu poderia vir para o Brasil. E deu.



Moscou vai ficando para trás. As luzes da imensa cidade (segunda mais populosa da Europa) vão se tornando apenas alguns pontinhos distantes. E, se nossos olhos conseguissem ver o horizonte veríamos que Paris estava se aproximando. Aparecendo após poucas horas no radar do avião e em nossos visores onde podemos acompanhar o tempo que falta para pousarmos. Paris nos abraça e vamos para os corredores do Charles de Gaulle. Mas para onde vou agora, qual o portão que devo pegar, pensava eu quando olhei para aquele monte de portão, então alguns “negros” passaram por mim falando uma língua diferente e pensei “eles são brasileiros” e os acompanhei. Estava certa, pois me levaram para o portão certo. Lá embarcamos no avião da KLM para o Rio de Janeiro, cruzando então o Atlântico, coisa que não imagina fazer e então me preparo para horas e horas dentro da aeronave.

Então depois dos avisos, da janta, dos filmes as horas vão passando vagarosamente e então aproveito para dormir, mas vocês que já viajaram sabem que dormir em avião ninguém merece (a não ser aqueles caras que tem muito dinheiro e vão na primeira classe).

As horas ficaram para trás e a primeira cidade desta minha nova jornada aparece pela janela do avião.

Mas ainda não acabou novo vôo para Campinas em São Paulo pela Azul para depois pegar mais um, com cerca de mais duras horas de vôo para chegar a meu novo lar, em minha nova cidade e então conhecer minha nova família.

Que calor! Já dá para perceber quando o avião aterrissa em Dourados e saio da poltrona A-7.

Sim, foi minha primeira sensação, quando coloquei meus olhos para fora do avião que pousou no aeroporto local e lá, um pouco distante, atrás dos vidros da sala de espera meu pai, minha mãe e meu irmão, parte de minha nova família, me esperavam sorridentes.

Sim, meu irmão Igor que tive o prazer em conhecê-lo durante seu intercambio em minha terra e quando fiquei sabendo que viria para sua família foi uma notícia muito gratificante. Obrigado.

Carregando uma pequena mochila nas costas, caminhei ao desembarque. Olhos curiosos queriam saber de onde eu tinha vindo; em que parte do mundo eu vivia.

Todos aqueles cidadãos eram diferentes de mim e eu não entendia nenhuma palavra que estavam dizendo aqui, ali, por todos os lados, então pensei: “meu Deus vai ser difícil”.

Vestindo uma calça branca, camiseta azul do AFS e jaqueta jeans, sai do setor de bagagem.

Que bom.



Minha família estava por lá com uma bandeira do Brasil me esperando e uma plaquinha:

“KSENIIA, from the hands of mother Russia. We are here for you!”.

E lá como eu, outros estrangeiros encontraram suas famílias e aquela felicidade total, abraços, mais abraços e todos felizes. Fotos aqui, fotos ali e cada intercambista com sua nova família.

Então me lembrei que sai da Rússia para conhecer uma nova cultura e vim parar numa família russa e que posso dizer que é a família mais russa que já conheci.

E logo aqui neste distante Brasil.

Sim, como isso é possível?

Encontrei uma família hospedeira que sua casa mais parece uma casa russa, com tudo, bandeira, moedas, cerveja, pelmeni, filmes, música, quadros, as nossas matrioscas, livros, tantas e todas as coisas da Rússia, além, camisas, de comida, doces, chocolates, e incrível também terra da Rússia, sim terra da Rússia guardada em potes. Não dá nem para falar pois o que você pensar da Rússia, lá tem.

E também meu novo irmão que passou um ciclo todo numa cidade vizinha à minha.

Mas uma família incrível e que a cada dia uma nova surpresa sobre meu próprio país.

Mas agora deixa para lá, um dia após o outro e as histórias vão falando por si só.

Walter Veroneze

10.08.2017